



## EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE DE RELATOS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

### *Eixo Temático 14- Gênero e Sexualidade na Formação Docente no Brasil*

Paula Aparecida Borges de Oliveira Nascimento <sup>1</sup>  
Mirian Pacheco Silva Albrecht <sup>2</sup>

#### RESUMO

Considerando os marcos históricos que influenciaram a Educação Sexual na sociedade, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos dessa temática a partir de relatos de docentes que atuaram ou ainda atuam no Ensino Fundamental da Educação Básica com o intuito de identificar marcas presentes em suas práticas pedagógicas. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico com base em artigos publicados no período de 2014 a 2024. Nos resultados e discussões, são apresentados aspectos da prática docente relacionadas à Educação Sexual, destacando-se a necessidade de formação continuada sobre o tema, bem como os impactos causados por inseguranças, medos e pelo silêncio que permeiam a prática pedagógica ao abordar essa temática. Nas considerações finais, propõem-se reflexões que visam provocar um olhar crítico e sensível sobre a abordagem da Educação Sexual no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Docente, Educação Sexual, Ensino Fundamental, Relato.

#### INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, diversos movimentos voltaram-se à Educação Sexual, mas foi a partir da década de 1980 que publicações científicas e acadêmicas sobre o tema

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Ensino, História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC - UFABC, [paula.borges@ufabc.edu.br](mailto:paula.borges@ufabc.edu.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Professora Doutora, Curso de Ensino, História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC - UFABC, [mirian.pacheco@ufabc.edu.br](mailto:mirian.pacheco@ufabc.edu.br);



ganharam maior visibilidade. Nesse período, a Educação Sexual começou a consolidar-se como campo de estudo em diferentes áreas do conhecimento (Figueiró, 2020). Contudo, é relevante destacar que, por volta de 1930, iniciaram-se as primeiras discussões sobre o tema no Brasil, impulsionadas pelo interesse de médicos que reconheciam a importância de problematizar o sexo e a sexualidade, promovendo, assim, sua cientificidade (Ribeiro; Monteiro, 2019).

Entre 1990 e 2015, a sociedade passou por significativas transformações no que tange à Educação Sexual, incorporando debates sobre gênero e aceitação da diversidade. Nesse contexto, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, o governo federal passou a reconhecer a importância da Educação Sexual nas escolas (Ribeiro; Monteiro, 2019). Figueiró (2023) destaca os PCNs como um marco relevante para a inserção das discussões sobre sexualidade no ambiente escolar. No entanto, a autora critica a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento orientador dos currículos da Educação Básica, por sua omissão quanto aos temas relacionados à sexualidade.

Considerando esses marcos históricos, o presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos da Educação Sexual a partir de relatos de docentes que atuaram ou atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental, buscando identificar marcas em suas práticas pedagógicas. Tais relatos podem revelar a presença — ou ausência — de medos, tabus, silêncios, informações, opiniões e experiências no trato com a Sexualidade em sala de aula. Para Larrosa (2002), a experiência é comprometida pelo ritmo e pelas exigências cotidianas; exige, segundo o autor, tempo e sensibilidade para ser vivida plenamente, sendo sempre única, mesmo em situações compartilhadas.

Dessa forma, realizou-se um levantamento bibliográfico de artigos publicados entre 2014 e 2024, com foco em relatos docentes sobre práticas pedagógicas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. A análise foi orientada pelo conceito de Educação Sexual Emancipatória na perspectiva de Figueiró e pelo diálogo com autores como Benjamin e Larrosa, a fim de refletir sobre as experiências docentes e suas implicações na construção de saberes sobre sexualidade.



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

### **METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se de uma Revisão Bibliográfica, na qual foram selecionados artigos científicos publicados entre os períodos de 2014 a 2024, com objetivo de analisar aspectos da Educação Sexual a partir de relatos docentes que atuaram ou atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental, visando identificar marcas em suas práticas pedagógicas. Por meio de artigos publicados entre os períodos supracitados, utilizamos a base de dados dos Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A pesquisa segue a abordagem qualitativa, que de acordo com Ludke e André (1986), apresenta um propósito específico de estudos. Para a busca, partiu-se dos seguintes filtros: 1) período, 2014 a 2024; acesso, aberto; tipo de recurso, artigo e produção, nacional.

Utilizou-se uma investigação partindo dos seguintes descritores: “Sexualidade”, “Educação Sexual” e “Ensino Fundamental”. Na intersecção dos termos considerados, obteve-se 59 artigos. Como critério de exclusão, desconsiderou-se os textos que não se referiam aos Anos Finais do Ensino Fundamental; não discutiam sobre práticas pedagógicas e que não apresentavam relatos docentes. Desta forma, selecionou-se 6 (seis) artigos para que pudéssemos analisar a partir das considerações apresentadas. Entretanto, 1 (um) deles o arquivo não abriu e por isso, 5 artigos foram selecionados para compor a análise deste trabalho.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este trabalho trata-se de uma investigação preliminar que buscou realizar uma revisão bibliográfica considerando a temática e o objetivo. Para a análise dos dados, buscamos identificar aspectos semelhantes, como a necessidade de formação docente, medos e insegurança apresentadas pelos docentes nos artigos selecionados (Madureira, Branco, 2015; Vieira, Matsukura, 2017; Eliseu, Yared, Mendes, 2022; Alves, Flores, 2023; Santos, Oliveira, 2023) , sem perder de vista o objetivo do trabalho.



Ao analisar os artigos apresentados, constatou-se que neles é possível identificar, a relevância das discussões que envolvem as temáticas sobre Educação Sexual na escola. Também apresentam que a formação docente é um aspecto essencial para o desenvolvimento das aulas em favor das temáticas que envolvem a Educação Sexual (Madureira, Branco, 2015; Vieira, Matsukura, 2017; Eliseu, Yared, Mendes, 2022; Alves, Flores, 2023; Santos, Oliveira, 2023).

Em relação à formação docente, Figueiró (2019) enfatiza que, profissionais que atuam como formadores, preparando docentes na área de Educação Sexual precisam atentar-se aos desafios e tomar medidas alternativas que os ajudem efetivamente diante das situações que vivenciam na escola. Entretanto, em um dos artigos é possível identificar o relato de duas docentes que ao serem questionadas sobre a necessidade de formação para trabalhar com Educação Sexual, as duas responderam que não consideraram relevante:

Não. Quem faz esse trabalho na rede municipal são os assistentes sociais e psicólogos. Não há necessidade de formação aos professores (Prof. nº 07) . Não. A orientação escolar deve ser científica. Existem alunos de religiões e realidades muito diferentes nas escolas, esse assunto traz particularidades de cada um, o tema é polêmico e deve ser tratado com a família, cabe ao professor direcionar o assunto especificando os atos dos alunos (Prof. nº 14, grifos nossos) (Eliseu, Yared, Mendes, 2022, p. 22).

No relato das professoras é possível identificar alguns aspectos importantes. No primeiro relato (Prof. nº07), enfatiza que não é papel da escola, mas de outros profissionais e no segundo relato (Prof. nº14), destaca que o tema deve ser tratado com a família. Entretanto, Figueiró (2019) apresenta que as discussões que envolvem a Educação Sexual é papel da escola sim, mesmo que exista momentos de diálogo com a família, é na escola que o estudante tem a oportunidade de discutir com outros colegas da sua idade ou próxima dela. Além disso, Figueiró (2020) salienta que a Educação Sexual pode ser feita por meio de gestos, olhares, silêncios, de forma verbal ou não verbal, podendo ser informal ou formal. Sendo a primeira, sem ações planejadas e sem nenhum movimento intencional. Enquanto a segunda, requer intencionalidade, preparação das ações sobre sexualidade seja pela escola, igreja, família ou posto de saúde.



Ainda considerando o relato da Prof. nº14, destaca que a orientação na escola deve ser científica. Entretanto, Ribeiro e Monteiro (2019) destacam que entre os 1930- 1950 já existiam um discurso científico pró-sexual, mas algumas visões estavam presentes, como: higienista, profilática e religiosa na mentalidade médica, científica e educacional. Os autores ainda destacam que, apenas após a publicação dos PCNs, o governo federal reconhece a urgência da Educação Sexual nas escolas. Portanto, é possível perceber o quanto os marcos históricos influenciam o pensamento e consequentemente, as ações docentes.

Levando em considerando os marcos históricos, no artigo dos autores Santos e Oliveira (2023), 14, dos 15 docentes entrevistados que trabalham com Educação Sexual, afirmaram que trabalham com Sexualidade no 8º ano, apenas 1 trabalha com a temática no 9º ano. Os autores salientam que vai ao encontro do que está previsto na BNCC. Figueiró (2023) destaca que há menção à Sexualidade no 8º ano voltado para reprodução humana.

Ao analisar os artigos, as questões religiosas, o receio da repercussão das famílias, insegurança docente quanto ao conhecimento para trabalhar as questões da sexualidade em sala de aula, medos ao trabalhar com o tema são aspectos que apresentam marcas no fazer docente. Diante disso, Figueiró (2019), salienta que os formadores de docentes em Educação Sexual precisam buscar meios para os docentes superem os medos em relação às reações negativas das famílias, por meio de movimentos formativos em grupo possibilitando que o docente ao tomar consciência desses medos, possam superá-los.

Levando em consideração, os medos e inseguranças docentes para trabalhar com as questões que envolvem a Sexualidade, nos artigos analisados podemos identificar a prática do silêncio e a limitação das discussões apenas do ponto de vista biológico. Entretanto, Figueiró (2023) destaca a importância de avançar nas ações que envolvem a Educação Sexual, buscando uma Educação Sexual Emancipatória. Para a autora, na perspectiva da Educação Sexual Emancipatória, defende-se que o estudante seja educado para ser um cidadão consciente, autônomo e participativo na sociedade, buscando combater comportamentos discriminatórios, violentos e repressores ligados à Sexualidade.



Entre os artigos analisados há a sinalização de assuntos sobre Sexualidade que são pouco ou não são abordados, falta de apontamento da temática em planos de aula e há silenciamento diante das questões que envolvem a Educação Sexual. Para Figueiró (2020), o silêncio também é uma forma de ensinar sobre Educação Sexual. Diante disso, qual é o impacto do silêncio docente diante da temática da sexualidade? Uma das possibilidades de resposta para esta questão seria a ausência de experiência docente diante um trabalho intencional ligado à Educação Sexual. Para Larrosa (2002, p. 25), é:

Incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

Para Larrosa (2002), a experiência não é uma informação, uma opinião e também não é uma crítica ao silêncio. Pelo contrário, o autor destaca que falta silêncio, de paciência, de sentir mais devagar, de olhar mais devagar e que muitas vezes os excessos de cumprimentos das demandas escolares, afasta da experiência e nada lhe acontece ou afeta. A experiência é aquilo que nos toca, que nos atravessa, que nos passa ou seja, um docente que não se permite a partir de uma discussão ligada à sexualidade e não se expõe e de certa forma se permite estar vulnerável diante de questionamentos dos estudantes, dificilmente alcançará uma experiência na perspectiva de Larrosa. Para Benjamin (1985, p.198), “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.”

No artigo das autoras Vieira e Matsukura (2017, p. 464) em relação aos desafios relacionados às práticas docentes, apresentam o relato de um participante: “eu quero falar com meu aluno sobre diversidade, mas eu não estou pronto para isso (E 3).”

Diante do relato supracitado, se faz necessário que os formadores de docentes em Educação Sexual promovam movimentos formativos no sentido de contribuir para que os docentes consigam atuar de forma mais segura em sala de aula, como aponta Figueiró (2019). Será que ao atuarem de maneira mais segura, com ações intencionais e planejadas em Sexualidade não seriam docentes mais ricos em experiências na perspectiva de Larrosa?



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos artigos, foi evidenciado a importância das discussões sobre as temáticas que envolvem a Educação Sexual na escola. Ademais, foi possível identificar que a prática docente é marcada, muitas vezes por, silenciamentos, medos, receios, visões limitadas à dimensão biológica, e tensões religiosas e familiares. Além disso, os marcos históricos influenciam diretamente a maneira como o tema é percebido e tratado nas escolas.

Os silêncios que foram identificados nos artigos analisados não apenas comunicam, mas também ensinam sobre Educação Sexual. No entanto, quando esse silêncio é motivado pelo medo, pela falta de formação ou pela negação da temática, ele limita profundamente o alcance para uma Educação Sexual Emancipatória e a possibilidade do professor ter experiências no espaço escolar na perspectiva de Larrosa. Diante disso, o quanto os docentes têm se limitado aos documentos oficiais como a BNCC e se afastado da possibilidade de ser uma pessoa rica em experiências?

## REFERÊNCIAS

ALVES, FLORES, Diversidade Sexual: Perspectivas Docentes em unidades escolares rurais de São Raimundo Nonato (Piauí, Brasil) *Linguagens, Educação e Sociedade*, v. 27, n. 53, p. 374-401, 2023. DOI: 10.26694/rls.v27i53.3817.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ELISEU, M. M.; Y. B. YARED; P. O. S. P, MENDES. Reflexões sobre saúde sexual e sexualidade: abordagens práticas e a compreensão de professores do ensino fundamental II. *Periódico Horizontes*. v. 40, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v40i1.1319>.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Direitos Sexuais Como Direitos Humanos e a BNCC: Subsídios Para Educação Sexual. *Atena*, v. 1, p. 118-133, 2023. DOI: 10.22533/at.ed.1662315089

FIGUEIRÓ, M. N. D. Conquistas e Desafios das Educadoras e Educadores Atuantes em Educação Sexual: Subsídios para Formação Docente. 2019. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/99/74](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/99/74) Acesso: 20 abr. 2025.



FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. 3d. Londrina: Eduel, 2020.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&forma=t=pdf> Acesso em: 20 abr. 2025.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MADUREIRA, A. F. A.; BRANCO, A. U. Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da Perspectiva de Professores/as. *Temas em Psicologia*. v. 23, n. 3, 577-59, 2015. DOI: 10.9788/TP2015.3-05.

RIBEIRO, P. R. M. ; MONTEIRO, S. A. S. Avanços e retrocessos da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. *Revista Ibero americana de Estudos em Educação*, São Paulo, SP, v. 14, n. esp. 2, p. 1254-1264, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12701>.

SANTOS, V. M.; OLIVEIRA, S. K. S. Educação sexual: Percepções dos professores de Ciências da Rede Estadual de Boa Vista/RR. *Boletim do Museu Integrado de Roraima*, v. 15, n. 1, p. 04-19, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24979/bmirr.v15i1.980>

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*. *Revista Brasileira de Educação* v. 22 n. 69, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782017226923>.